

NOME: ALESSANDRA KELLY VIEIRA

TÍTULO: PRÁTICAS PUNITIVAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

AUTORES: ALESSANDRA KELLY VIEIRA, ALESSANDRA KELLY VIEIRA, LUIZ FILIPE MORAES TEIXEIRA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq/UEMG

PALAVRA CHAVE: Indisciplina, violência, educação, cultura, punição, subjetividade

RESUMO

O presente trabalho se refere à pesquisa intitulada "Indisciplina, violência e cultura punitiva na educação", realizada através do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa – PAPq/UEMG, iniciada em abril deste ano de 2014. Seu objetivo envolve a análise e compreensão das percepções e práticas de professores e dos demais profissionais presentes na escola que refletem a cultura punitiva presente no ambiente escolar. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter exploratório, e tem como instrumentos de pesquisa observações e entrevistas individuais semiestruturadas. Os resultados parciais alcançados até o momento se referem à primeira etapa da pesquisa, que consiste em observações no cotidiano de uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal de Contagem, realizadas e registradas pelo aluno bolsista que integra o projeto, sob a supervisão da professora orientadora. As análises, também de cunho qualitativo, são feitas a partir da orientação da abordagem sociohistórica, que compreende os sujeitos como estando imersos em uma cultura da qual são produtos e produtores (Vygotsky, 1998). Partimos da premissa de que as práticas de resolução de problemas ligados à indisciplina e violência no contexto escolar são em geral influenciadas por uma cultura punitiva que, segundo Passeti & Augusto (2008), atravessa todas as demais instituições e esferas da vida social como religião, família, trabalho e políticas de Estado. Essa predominância do castigo nas práticas e relações sociais tem consequências profundas na construção das subjetividades contemporâneas, reproduzindo o autoritarismo e relações de subordinação. É de se esperar que os sujeitos busquem reproduzir em seu cotidiano traços desta cultura, caracterizada pela ausência de diálogo, dominação, exploração, violência e punição, em que impera a retribuição de um mal com outro mal. Eles se apropriam dos costumes autoritários presentes na sociedade e reforçados nas práticas familiares e escolares. Como consequência dessas sociabilidades, também se socializam autoritariamente, o que se mostra para eles, muitas vezes, como única possibilidade de lidar com o outro. A partir disto justifica-se a importância de identificar e analisar as práticas punitivas utilizadas no cotidiano escolar, suas repercussões e os sentidos atribuídos a elas pelos profissionais da educação, a fim de compreender porque a via punitiva permanece privilegiada na solução de problemas que envolvem os comportamentos dos alunos. Afinal, a despeito das pequenas reformas da educação e das utopias de alguns educadores que acreditam no seu potencial de libertação e formação de sujeitos autônomos e críticos (e que até buscam isto individualmente em suas práticas), ainda prevalecem os objetivos institucionais de produção de docilidade, disciplina e obediência escolares, reforçando seu papel de controle social. É isso que mostram os resultados parciais da pesquisa, através das observações realizadas no cotidiano da escola. A despeito da ineficiência das estratégias de controle e punição utilizadas, este tipo de solução permanece favorecido, mesmo não surtindo os efeitos esperados no comportamento dos alunos punidos. Ao contrário, o que muitas vezes ocorre é a criação de uma maior resistência e hostilidade dos alunos em relação ao professor e ao ambiente escolar. Um fato que parece aumentar ainda mais a tensão entre os alunos e a equipe da escola é a presença constante da guarda municipal e um ambiente cercado por câmeras para ampliar a vigilância. Aliado a isto, vemos que as fronteiras que distinguem atos de indisciplina e violência na escola nem sempre estão claras para os profissionais, dificultando a tomada de decisões e gerando como consequência, nesta busca do apoio de instituições de segurança para a solução dos problemas escolares, a criminalização da indisciplina. As condutas punidas variam entre meros atrasos e falta de uniforme até agressões verbais, brigas e suspeita de uso de drogas, além das atitudes chamadas pelos professores de "desrespeito", que incluem uma gama de comportamentos diferentes. A prática punitiva mais comum utilizada é a assinatura do aluno em um livro de advertências e a aplicação das sanções é feita por duas funcionárias chamadas "disciplinárias", variando da simples advertência enviada aos responsáveis até a suspensão das aulas. Em casos extremos, o acúmulo destas punições acaba acarretando na expulsão final do aluno, com sua transferência para outra escola, ou culminando na evasão escolar. Se, em lugar de implicar emocionalmente os alunos com seu processo de aprendizagem e construção do conhecimento, ao contrário, o momento escolar, além de estar desconectado de sua realidade e necessidades reais, ainda se apresenta como um ambiente aversivo, fonte de perseguições, discriminações, vergonha e humilhações, não deveria ser surpreendente que muitos jovens, ao experimentarem estes sentimentos, busquem se ver livres da escola o mais rápido possível. É assim que a escola, ao desadaptar o "mau aluno" cada vez mais com seus métodos punitivos até sua exclusão, se coloca como um dos seguimentos do processo de marginalização dos jovens (Baratta, 2002). Enfim, esperamos, na medida em que a pesquisa avançar, contribuir para uma maior compreensão dos temas investigados e, com isso, criar subsídios para a construção de novas estratégias pedagógicas para a prevenção e solução de problemas escolares ligados à indisciplina e violência e para a desconstrução das práticas punitivas na educação, favorecendo uma cultura baseada no diálogo, compreensão, reparação e redução de danos.

Referências:

BARATTA, A. (2002) Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: Introdução à Sociologia do Direito Penal. Rio de Janeiro: Revan.

PASSETI, E. & AUGUSTO, A. (2008) Anarquismos e Educação. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção Temas & Educação)

VYGOTSKY, L. S. (1998) A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes.